

## livro.5

# Vasco Graça Moura: 50 anos de ficções e quase ficções



Adriana Nogueira

Clássica  
Professora da Universidade do Algarve  
adriana.nogueira@culturasul@gmail.com

Este ano comemoraram-se os 50 anos de vida literária de Vasco Graça Moura, poeta, tradutor, romancista, crítico, político, gestor, melômano, enfim, um homem dos sete ofícios, todos eles exercidos de modo a não deixar ninguém indiferente.

Para estas colunas trago a sua ficção narrativa, os seus contos e romances, em número superior à dezena. Todos os títulos estão disponíveis, a preços extremamente acessíveis, mas quase exclusivamente por encomenda, pois, se fomos a uma livraria (fiz a experiência há pouco tempo), um dos poucos que encontramos (normalmente o único) é Partida de Sofonisba às seis e doze da manhã, reeditado neste 2012 (pela Quetzal, que publica a maior parte destas obras), 19 anos depois da primeira edição. Se tivermos sorte, numa prateleira ou outra também se encontram alguns dos volumes da trilogia «O vermelho e as sombras» (O Pequeno-Almoço do Sargento Beauchamp (2008), O Mestre de Música (2010) e Os Desmanchos de Violante (2011), em edição da Alêtheia), conjunto de pequenos romances situados em Portugal, durante as Invasões Francesas. São três livros que se leem de uma assentada, com um humor cortante e desconcertante, cujas personagens, de uma amoralidade generalizada, se tornam o alvo da nossa crítica daqueles costumes, influenciados pela narração, que, mais ou menos discretamente, nos leva a isso. Tome-se um exemplo, a propósito da sociedade britânica, mas que, facilmente, se aplicaria à portuguesa: casada com um general inglês, Joana «aprendera a regra de ouro das damas da alta-vida inglesa: casavam e tinham um ou dois filhos, para assegurarem a continuidade familiar. E depois, desde que fossem discretas e não dessem escândalo, podiam fazer tudo o que lhes desse na real gana, muito em especial ter os amantes que lhes apetecesse. Assim, tivera várias aventuras sem consequência, à imagem do que se ia passando com outras suas amigas da boa sociedade londrina, muito mais altamente colocadas do que ela» (O Mestre de Música, p. 50). O tipo de linguagem deste narrador aproxima-o de alguém também sem muitos escrúpulos, que usa metáforas populares, como «lar na real gana,

referido atrás, ou «ser desgraçada por alguém», com o sentido de ser violada: Violante fora para Lisboa, «após ter sido desgraçada pelo padre-cura da aldeia»; ou «pôr com dono», no sentido de ser abandonada: «quando ele a pôs com dono, por a ter trocado por outras; ou ficar «ao deus-dará», no sentido de ficar abandonado: «soube também que a rapariga ia ficar desamparada e ao deus-dará», e aí por diante.

Em muitos dos romances encontramos marcas de classe na linguagem (como o uso de «beijos» em vez do popular «lábios», com consciência de que o seu uso se restringe a uma classe alta (sendo o termo «beijo», com toda a evidência, muito mais bchgs. Morte no Retrovisor, 2008, p.23), o realce do valor que se dá à educação e à cortesia («aprendi [...] a comer sem falar com a boca cheia, [...] a oferecer o lugar às senhoras nos carros eléctricos, nas salas de espera, ou onde quer que elas precisem de lugar» (Partida de Sofonisba às seis e doze da manhã p.302), revelando uma cuidada instrução e cultura através das inúmeras referências, explícitas ou implícitas, à literatura, música, arte, entre outras áreas, não impedindo essa erudição que o leitor comum frua tanto o aspecto literário como as histórias que são contadas. Sim, porque Vasco Graça Moura é um excelente contador de histórias, que nos consegue prender na narrativa e surpreender-nos com o desfecho que encontra.

Mas nos seus romances há mais do que histórias: há opiniões, teorias, ideias sobre as quais as personagens vão discorrendo e que também nos fazem pensar e, algumas vezes, tomar partido, outras vezes, rejeitar. É uma escrita que não nos deixa indiferentes e que dá vontade de ler mais.

E essa é outra boa surpresa destes romances. Apesar de se encontrarem linhas mestras que se repetem (a presença de referências à literatura, à arte e ao amor), este autor consegue ser sempre diferente nas abordagens. No entanto, destacaria um tema impossível de não notar na sua escrita: o amor por e o conhecimento de música. O seu primeiro romance, Quatro últimas canções (1987), é construído ao som das composições homônimas de Richard Strauss e eu aconselho o(a) leitor(a) a fazer o exercício – e verá que é um prazer – de ouvir estas peças antes, durante e/ou depois de ler o livro.

Descrever uma música não é fácil, pois os sons apelam a sentimentos e estes são o que mais individualizado existe. Mas Vasco Graça Moura consegue com mestria fazer aquilo a



Vasco Graça Moura, personagem polifacetada da Cultura

que eu chamaria uma ênfase musical (por extensão do significado de ênfase – descrição de uma pintura). Apresento um pequeno exemplo, retirado do livro de contos Morte no Retrovisor (que tem como subtítulo o nome que dei a esta crónica. E não, não é um livro policial, apesar do nome fazer pensar nesse género): «O acordeão sustentava algumas notas, fazia tremoli e glissandi noutras, retomava a melodia num rodopio, enriquecendo-a de acordes a coincidirem com os tempos fortes marcados pela guitarra e pelo contrabaixo, enquanto a voz do cantor se entregava a melismas convencionais e quase segregados numa toada à resumir transes de paixão, nostalgia triplata e engates de putas melancólicas» (p.170). Nas suas palavras, até um ressonar (do deputado Araújo, personagem secundária de Quatro Últimas Canções), durante um concerto, tem graça: «o seu ressonar, a princípio um fino zumbido de besouro no cio, e depois, adequadamente ao contexto, um espesso contrabaixo em merencórias surdinas (...), estertores súbitos de motor a gasóleo em fase de arranque e velas sujas.»

Como não vou poder falar de todos

os seus romances, vou destacar apenas mais dois: A Morte de Ninguém (1998) e Naufrágio de Sepúlveda (1988).

A Morte de Ninguém começa e termina com uma carta sobre uns escritos de um falecido professor. No centro, a narrativa desenvolve-se na primeira pessoa, sendo este professor a personagem que narra e conta duas outras histórias a um interlocutor que nunca aparece. Na verdade, estamos perante um monólogo, mas a estrutura variada das histórias contadas não o dá a entender, pois intercala a correspondência de um seu irmão (que esteve na guerra de África) com uma amiga (mais uma conhecida) que vivia nos EUA, com os seus apontamentos sobre um espiao inglês na 2ª Guerra, em Lisboa. As duas histórias, tão diferentes, vão-se cruzando nas memórias e palavras do narrador, que de uma salta para a outra, por fios que só ele tão bem sabe entrelaçar.

Pelo Naufrágio de Sepúlveda tenho um carinho especial, por ter sido o primeiro livro que li de Graça Moura. Na altura, tinha acabado de ler a História Trágico-Marítima (relações de naufrágios do séc. XVI e

XVII, compiladas por Bernardo Gomes de Brito, no séc. XVIII) e a história do capitão Manuel de Sousa Sepúlveda e de sua mulher Leonor estava ainda fresca na minha memória. O que penso do livro é descrito pelo próprio narrador (um diretor da Imprensa Nacional-Casa da Moeda e, também ele, político e escritor, tal como), no final, quando descreve uma conversa que teve com a sua editora: «Disse-lhe que ainda tentava escrever um texto ondulante de tempos encadeados sem costuras nem pausas, como um músculo de mar cujas vagas cinzentas continuamente trariam à praia um latido remoto, golfadas de figuras, espumas, fragmentos, ventos, sons, enlaçados nas algas, encailhados na rebentação, deixados à vista da ressaca ao longo das páginas, como detritos, seixos, acidentes nos declives de um areal em que a água, ao retirar-se, dividida por eles, fizesse represas de memórias, músicas, vozes, e que tudo isto se tornaria num fluxo e refluxo incessante sob a chuva, sob cortinas de chuva a desabarem ao longo de todo o texto. E será um romance?, perguntou ela. Tudo é ficção, respondi.»

Boas Festas, com muito boas leituras!